

# A PESQUISA TURÍSTICA: UM COMPROMISSO COM A DESCONTINUIDADE HISTÓRICA.

**Ms. Vilson Francisco Selch**

**RESUMO:** A análise das descontinuidades estruturais implica na definição do objeto não somente de conhecimento, mas de vivência. Procura-se mais do que informações, lições estratégicas referentes a processos reorganizacionais - no fundo, reaprender a vida, reaprender a pensar. Desta forma, o compromisso do pesquisador em turismo com a descontinuidade é um modo de ler a história, a natureza, de prestar atenção à diversidade e às variabilidades subjetivas de manifestações, aos investimentos que o pensamento científico fez nelas para que a vida pudesse continuar a existir, e de entregar o conteúdo dessa riqueza às gerações futuras. É um compromisso com um lugar onde a ciência aprende a se constituir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo; Pesquisa científica; Descontinuidade histórica; Dialeção.

## **Introdução**

Pesquisar empiricamente em Turismo supõe que se possa delinear um objeto científico distinto dos objetos sociais construídos pelo senso comum, pela atividade crítico-reflexiva espontânea ou pela opinião pública. Mas, como construir este objeto?

Apoiando-nos em um certo racionalismo aplicado, desenvolvido por Bachelard, Koiré, Canguilhem, e particularmente, Foucault, tentaremos mostrar como e por que uma consideração a respeito das descontinuidades e rupturas históricas do pensamento científico é importante, de modo especial, na pesquisa turística.

Nestes termos, refere-se à problemática da descontinuidade do pensamento científico como lugar em que o pesquisador não somente se interroga, mas vive as rupturas tanto epistemológicas quanto conceituais e operacionais, mediante as quais um objeto científico novo - em Turismo - se constrói. A referência à descontinuidade não é apenas causal. Procuram-se nela, pelo contrário, os ensinamentos e as experiências do recomeço, que são para qualquer pesquisador a marca de seu trabalho; ao mesmo tempo, procura-se o abandono das grandes filosofias lineares ou da identificação demasiado passiva do sujeito pesquisador com um objeto que teria em si mesmo seu significado, independente do trabalho teórico que o ilumina no momento de sua captação.

## **Pesquisa em Turismo: Compromisso com a Descontinuidade Histórica:**

Todas as formas de conhecimento pretendem compreender a realidade. A diferença entre

o conhecimento científico e as demais formas de conhecimento é a maneira como se procede para sua obtenção. A característica principal da ciência diante das outras formas de conhecimento é a reflexão e a construção de uma sistema metodicamente ordenado de conhecimentos.

No Turismo, a simples postura observacional é míope. Para que o conhecimento seja considerado científico, é preciso que existam técnicas para registrar e quantificar os dados do comportamento turístico verificados, ordená-los e classificá-los. Precisa-se, também, de uma teoria que permita interpretar os dados, dando-lhes sentido e significação, ou seja, uma hipótese para sedimentar a ação de elaboração da teoria. O método científico, que, em turismo, se caracteriza como uma metodologia empírico experimental, constitui-se numa disciplina em desenvolvimento, que emprega métodos e conceitos da maioria das ciências sociais já consolidadas. É dado que o Turismo não se constitui em um corpo de conhecimento independente, com dinâmica própria. Ele segue a dinâmica das ciências nas quais o turismo é objeto de estudo. Logo, pensar os mecanismos que conduzem ao conhecimento científico nos fazem compreender que a metodologia de pesquisa em turismo é um trabalho de natureza multidisciplinar ou interdisciplinar.

Até agora, fomos levados a pensar a pesquisa social de natureza empírica dentro de duas filosofias da história: a filosofia marxista e a filosofia que se poderia chamar de positiva. Dir-se-ia que, no primeiro caso, acreditava-se na sucessão de modos de produção, nas leis da história, nos conceitos relativos aos sujeitos coletivos, como a burguesia, as classes, a Igreja. Sob as aparências, essas forças ou sujeitos coletivos agiam, de certa forma, como a “energia” (dynamis) dos objetos aristotélicos. No segundo caso, a filosofia positiva não predeterminava a sucessão dos eventos. Ela era muito mais empírica. Acreditava-se na reconstrução metodológica de um dado, que tinha em si sua própria significância temporal. O que importava não era a teoria, mas a reconstrução, ou talvez, a restauração do próprio fato da sua complexidade. Metodologia, nesse caso, significa um processo dissociado da teoria. A crença no significado de um fato social não precisa de teoria, senão de um certo positivismo. São essas as duas filosofias que tem guiado a pesquisa empírica nas duas últimas décadas.

Ora, essas duas concepções filosóficas da história, uma de natureza determinística, outra de tendência pragmática têm sido criticadas desde os anos 30, por historiadores e filósofos da ciência, como Koyré, Bachelard, Canguilhem e Popper. Esses autores tem mostrado que o pensamento científico que fez progredir a ciência precede pouco a partir das filosofias

mencionadas acima. Pelo contrário, esse pensamento científico deixou de lado tanto o aspecto determinístico da história como o pragmatismo do positivismo, preocupado em restaurar os fatos. Dir-se-ia que a filosofia da ciência, subjacente à atividade da pesquisa empírica, leva em conta o que se poderia chamar de *descontinuidade*. O cientista (e mais ainda o pesquisador em turismo) é, antes de tudo, aquele que recomeça. É aquele que, para fazer progredir a ciência, renuncia às grandes filosofias do devir histórico, para se instalar na descontinuidade, na ruptura, no corte epistemológico a ser operado.

Foucault nos lembra esse posicionamento, ou seja, essa nova atitude, quando escreve que:

nessas disciplinas chamadas história das idéias, das ciências, da filosofia do pensamento e da literatura, nessas disciplinas que, apesar de seu título, escapam em grande parte ao trabalho do historiador e aos seus métodos, a atenção se deslocou, ao contrário das vastas unidades descritas como épocas ou séculos, para fenômenos de rupturas. Sob as grandes descontinuidades do pensamento, sob as manifestações maciças e homogêneas de um espírito ou de uma mentalidade coletiva, sob o devir obstinado de uma ciência que luta apaixonadamente por existir e se aperfeiçoar desde o seu começo, sob a persistência de um gênero, de uma forma, de uma disciplina, de uma atividade teórica, procura-se agora detectar a incidência das interrupções, cuja posição e natureza são aliás bastante diversas. (Foucault, 1987: 4)

Foucault, sem pretender caracterizar todos os tipos de interrupções, analisa rapidamente quatro delas. Desse modo, sua consideração da história não está mais no longo período de Braudel ou na reconstrução de um tipo de história ocorrencial, mas está numa leitura quase que diagonal dessas grandes continuidades. A seguir, apresentam-se algumas dessas interrupções, para se ter uma idéia mais clara daquilo que é somente não a descontinuidade, mas igualmente o compromisso do cientista com essa descontinuidade.

A primeira descontinuidade que Foucault analisa diz respeito aos **atos liminares epistemológicos** descritos por Gaston Bachelard, os quais

suspendem o acúmulo indefinido dos conhecimentos, quebram sua lenta maturação e os **introduzem em um tempo novo**, os afastam da sua origem empírica e das suas motivações iniciais e os purificam das suas cumplicidades imaginárias; prescrevem desta forma para a análise histórica não mais a pesquisa dos começos silenciosos, não mais a regressão sem fim em direção aos primeiros precursores, mas a identificação de um **novo tipo de racionalidade** e dos seus efeitos múltiplos (Foucault: 4, grifo meu).

De tempo em tempo, para Bachelard e para Foucault, a racionalidade recomeça. Um novo tipo de racionalidade emerge, que retifica a anterior, e, a purifica dos seus aspectos ou cumplicidades imaginárias. É como se o cientista estivesse recomeçando a pensar ou, pelo

menos, reaprendendo a pensar a partir de novos atos e limiares epistemológicos.

O compromisso de qualquer pesquisador em Turismo, na atualidade, é com esse recomeço, com essa descontinuidade histórica, que é também, no caso de Bachelard (que não se ocupou especificamente com a questão do turismo e sim com a questão do objeto de pesquisa sociológico), uma descontinuidade epistemológica. Dir-se-ia que se trata, para cada um de nós, de abandonar, de se despojar da filosofia da ciência relacionada com os grandes períodos, que nos era familiar, para encontrar o lugar onde as rupturas e o tempo novo que as acompanha vão ocorrer e nos envolver. Repete-se: o compromisso do cientista é com essa ruptura. Sem dúvida, poder-se-ia perguntar: o que, além das transformações epistemológicas, vai ocorrer nessas descontinuidades e rupturas, vivenciadas por cada cientista/pesquisador?

Canguilhem nos dá um princípio ou um começo de resposta. Afirma que na própria ruptura ou descontinuidade, ocorrem deslocamentos e transformações de conceitos. Desta forma, constata-se que o importante na ciência não é a história contínua de um conceito, seu refinamento progressivo ou sua racionalidade crescente, mas a história dos seus diversos campos de constituição e de validade, a de suas regras sucessivas de uso, a história dos meios teóricos múltiplos em que foi realizada e concluída a elaboração desse conceito. (Foucault, 1987: 5)

Veja-se, por exemplo, o conceito de classes, como o mesmo se modificou. De que maneira ele é usado até 1870 pelo Marx tardio ou o “Velho Marx”, na sua concepção antecipada da revolução russa camponesa, através da dialetização do Mir, que Shanin nos apresenta no seu artigo sobre o velho Marx. O próprio Marx sugere que a passagem do Modo de Produção Feudal para o socialismo não precisa incluir o estágio ou o modo de produção capitalista, mas que o Mir, como entidade comunal e auto-subsistente de produção, pode ser dialetizado e tornar-se uma unidade importante e coletiva de produção agrícola para a sociedade industrial nascente (Shanin, 1984). A própria concepção de história, como história de luta de classes, encontra-se, nesse caso, modificada, pelo fato de não existir uma classe patronal ou muito pouco dela.

Poderia se perguntar: que uso descontínuo os cientistas/pesquisadores sociais brasileiros têm feito do conceito de classes ao longo das últimas três décadas? Sem dúvida, encontrar-se-iam deslocamentos e transformações. Não houve continuidade de uso, mas, pelo contrário, tentativas de validá-lo, relacionando-o, por exemplo, com conceito de marginalidade social (Kovarick, 1975), com o conceito de Estado, que em Marx era pouco elaborado. Dito de outro modo, a história do pensamento brasileiro condicionou deslocamentos e transformações de certos

conceitos.

Descontinuidades e rupturas ocorreram. Praticaram-se elaborações diversas de um campo de constituição que validava ou pelo menos tendia a validar tais criações, numa sociedade altamente polarizada como a brasileira. Enquanto nos Estados Unidos havia e há um pensamento que procura desenvolver um marxismo analítico, no Brasil, a tendência tem sido pelo menos de articular conceitos teóricos com situações empíricas e históricas como as da marginalização e favelamento, ou da exclusão do campesinato do campo, transformando-o em “bóia-fria” (D’Incão de Mello, 1979). Insiste-se menos na dialética conflitiva das classes opostas do que numa dinâmica de exclusão ou de uso temporário das mesmas. Até que ponto, visualizando o futuro, o trabalho será tão importante para o capital como foi no passado? Não serão os mecanismos que institucionalizam a informatização responsáveis por mais exclusão do trabalhador, ou seja, da “classe” operária?

O cientista/pesquisador em Turismo hoje é aquele que não somente registra transformações conceituais, como também a transformação dos atos epistemológicos que as acompanham. Na prática, o seu compromisso com a descontinuidade não é somente registrar, mas aprofundar os diferentes tipos de modalidades de essas rupturas existirem, para fazer desse passado, já vivido e praticado pelos pesquisadores anteriores, um presente criativo que se incorpora a seu modo de pensar, e determina, de um certo modo, novas investigações conceituais e teóricas, novas problemáticas e novas adequações científicas, capazes de elucidarem a caminhada histórica da sociedade em que vivemos.

Sem dúvida, os dois tipos de rupturas mencionadas acima não são exaustivos. Conviria mencionar ainda outras formas de rupturas, como aquelas referentes às escalas micro e macroscópicas, dadas por uma leitura da história da ciência. Altera-se o modo pelo qual os acontecimentos analisados se distribuem, assim como mudam as condições dessa distribuição. Os cientistas/pesquisadores, consideram a distribuição dos fenômenos de um modo variável. Antes de a noção de inconsciente emergir no saber científico, a distribuição dos fenômenos se fazia dentro de uma escala onde o cogito cartesiano ou sujeito transcendental kantiano eram as categorias básicas. Mas, basta que o conflito do inconsciente emerja, para que haja novas classificações dos feitos e fenômenos observados, segundo escalas que levam em conta os fenômenos relativos ao inconsciente e ao domínio da consciência. O mesmo ocorre nas ciências físicas, com a emergência da física quântica. No campo das ciências sociais, a equipe dos

durkheimianos se preocuparam em reorganizar, por exemplo, os suicídios dentro de um tipo de escala nominal macroscópica: suicídios altruístas relacionados com sociedades altamente integradas; suicídios egoístas oriundos de uma desintegração histórica ou de uma anormalidade; finalmente o suicídio anômico, resultante de uma ausência de organização dos processos sócio-econômicos na sociedade industrial do fim do século XIX. Basicamente trata-se de avaliar dentro dessa escala nova a força variável das correntes “suicidógenas”, em oposição às correntes regeneradoras.

Ora, se consideramos a criação modificada dessas escalas no tempo, ver-se-á que elas correspondem a um momento de ruptura na história do pensamento social. Dir-se-ia que são manifestações de uma descontinuidade que ocorreu entre o modo pelo qual os problemas eram anteriormente formulados pela filosofia social e pelos partidos políticos, e o modo pelo qual eles vêm a ser elaborados pelo pensamento sociológico principiante do início do século XX; e, no caso citado, pela própria escola durkheimiana. Na realidade, no caso dos durkheimianos, a questão radical aqui colocada diz respeito ao modo pelo qual a “taxa de morte” se distribui. Deseja-se saber se há sociedades que são capazes de regularem melhor no tempo essa taxa de morte, e como se faz essa regulação.

Numa sociedade como a nossa, que assassina os sem-terra ou os que lutam pela terra, ou que ainda desprestigia a vida através do salário mínimo, dos extermínios de menores, da esterilização das mulheres, constata-se que vivenciar a descontinuidade que criou essas escalas passadas não é assunto a ser relegado pelos cientistas/pesquisadores, mas, pelo contrário, é assunto a ser considerado com seriedade, a fim de proceder a criações de novas escalas similares ou análogas, adaptadas às nossas condições do tempo presente. Essas escalas terão fundamentos epistemológicos e teóricos; não nascem da simples observação. Elas implicam um modo de ver conceitual e existencial, objetos atuais e relevantes.

Um outro tipo de descontinuidade mencionada por Foucault diz respeito às “unidades arquitetônicas dos sistemas, nas quais se analisa bem menos a descrição das influências, das tradições, das continuidades culturais, mas muito mais as coerências internas, axiomas, cadeias, dedutivas da compatibilidade” (Foucault,1987). Nesse tipo de análise, mostra-se como determinados momentos históricos, para se afirmarem, têm necessidade de encadear, capitalizar, tornar coerentes determinados processos, sem os quais o sistema como um todo não funcionaria. Tal ou tais reconstruções arquitetônicas são visíveis hoje em fenômenos como os da computação.

A própria palavra “compatibilidade” diz respeito à possibilidade de determinados computadores ou softwares serem capazes de articular-se com outras redes ou não. Mas o mesmo fenômeno existe no processo de declínio dos dois mundos, Oeste e Leste. No declínio da oposição, simbolizada pela destruição do Muro de Berlim, procura-se, agora, em cada área, os processos de reorganização sócio-econômica que sejam compatíveis e capazes de desempenhar um processo de reconstrução. É preciso tornar compatíveis elementos que, entre si, podem constituir relações ou um todo arquitetural.

Ora, tais tipos de discontinuidades estruturais tem sido analisados por cientistas/pesquisadores e tornaram-se, hoje, objeto não somente de conhecimento, mas de vivência. Procura-se, nessas análises, mais que informações, lições estratégicas referentes a processos reorganizacionais. Procura-se, no fundo, reaprender a vida, reaprender a pensar. Sem um compromisso do cientista/pesquisador com a riqueza de todas estas situações múltiplas, feitas de tensões descontínuas, de rupturas, de esforços criativos, o presente do pesquisador é vazio.

Assim, o pesquisador em Turismo não incorpora as lições da história. Porém, tornando presente a riqueza tanto teórica quanto empírica dessas experiências de discontinuidades, ocorridas no passado, investe-se, na atualidade contemporânea da ciência, uma profundidade e uma riqueza de conhecimentos que aumenta a capacidade de, não somente conhecer, mas de problematizar a nossa própria história ou segmentos parciais da mesma como é o caso do Turismo, enquanto “*combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais.*”(Moesch: 2002) Aumenta-se a capacidade de perceber uma multiplicidade de situações históricas nas quais estamos imersos. E, o somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

Para empregar as expressões de Bourdieu, sem rigorosamente identificar-nos com o conteúdo da definição teórica por ele formulado, dir-se-ia que o compromisso do cientista com a discontinuidade, as rupturas, as recriações ou transformações conceituais é, na verdade, um compromisso com a trajetória da experiência científica. Esse compromisso aumenta o capital cultural de quem pesquisa. Não se trata mais de continuar a pensar os grandes períodos, como o período colonial, escravocrata, a República Velha, mas trata-se de descobrir, sob o solo dessas

grandes discontinuidades, os fenômenos de rupturas, os momentos de deslocamentos dos conceitos, os limiares epistemológicos novos, a criação de escalas novas de distribuição dos fatos.

O compromisso do pesquisador em turismo com a discontinuidade é um modo de ler a história, a natureza, de prestar a atenção à diversidade e às variabilidades subjetivas de manifestações, aos investimentos que o pensamento científico fez nelas para que a vida possa continuar a existir, e de entregar o conteúdo dessa riqueza às gerações futuras.

O compromisso do pesquisador com a discontinuidade é um compromisso com um lugar onde a ciência aprende a se constituir. É dessa aprendizagem que necessitamos para construir novos objetos científicos que estão relacionados com os problemas colocados pelo presente histórico, irreversível, no qual o profissional de turismo está imerso. Cabe, portanto, esse longo preâmbulo para situar melhor a relação do cientista/pesquisador em turismo com a experiência histórica do passado, com a finalidade de iniciar uma melhor apreensão da história atual. Mas cabe, também, essa longa apresentação sobre a discontinuidade para sugerir que a aquisição do saber, isto é, do conteúdo vivenciado e conceitual das discontinuidades passadas, tem um preço: o de renunciar e de se despojar das concepções um tanto míticas de história demasiado presentes ao espírito humano, sob a forma de amplos períodos, sem que seja percebida toda a trama das rupturas que animam estes mesmos e amplos períodos. Renunciar a essas filosofias amplas, como também renunciar ao espírito demasiado positivista e imediato, o qual não reconstrói uma dinâmica, mas apenas restaura; renunciar a tudo isso, para poder reconstruir objetos científicos novos, eis o preço a ser pago.

Veja-se que não se trata de uma tarefa fácil. Mas se aceitarmos praticar essa renúncia, para enriquecer o capital cultural de cada um, ao mesmo tempo que o capital social da comunidade do grupo dos cientistas/pesquisadores, pela revivência, rememoração e assimilação do conteúdo das discontinuidades anteriores, talvez haja nessa luta a criação, não apenas de uma atitude, mas de um desejo profundamente científico e operacional de ingressar em áreas muito novas como a do turismo em sua metodologia interdisciplinar, ou na elaboração de novas epistemologias ou deslocamentos de conceitos. Talvez até estar-se-á preparado para, senão dialetizar todo o campo teórico da ciência social, pelo menos para compreender como as noções de campo de poder, de campo enunciativo (Foucault) não tem surgido do acaso, mas justamente desse esforço de reencontrar a vida do pensamento, enriquecida pelas experiências passadas.



Dir-se-ia que o que o conhecimento das discontinuidades nos sugere é a substituição de uma história unilinear por uma concepção da história diagonal, onde o nascimento dos novos enunciados e de novos limiares epistemológicos vão apreendendo a riqueza da experiência humana e, ao mesmo tempo, sua dialetização.

Não se quer com isso lançar o descrédito sobre um passado prestigioso, mas apenas sugerir uma volta à vivência do presente. Nada melhor do que o passado e a riqueza apreendida das discontinuidades e rupturas para efetuar e tornar operacional essa consciência e essa conversão. Não seria, então, compromisso com a discontinuidade a melhor maneira de os pesquisadores em turismo se prepararem para a construção de objetos científicos? Pelo menos é o que se desejou sugerir; possa a mensagem ser suficientemente clara pra sugerir a conversão que todo cientista/pesquisador pode fazer, para viver não apenas seu século, mas o momento presente, com o máximo de capital cultural assimilado, dando-lhe não apenas subsídios, mas fornecendo-lhe um dinamismo criativo que o insere e possa torná-lo capaz de responder a algumas das grandes questões características do seu tempo, no campo da teoria e da metodologia da pesquisa.

### **Conclusão**

Nestas reflexões, tentou-se apresentar como e por que uma consideração das discontinuidades e rupturas históricas na história do pensamento científico é relevante. Tentou-se sugerir quão indispensável e pedagógico é fazer a assimilação, a revivência e rememoração dessas discontinuidades para a transformação atual do pensamento científico turístico.

Sugeriu-se, também, que o capital cultural assimilado, dialetizado através do conhecimento dessas discontinuidades, é o passo anterior, quase que necessário, à construção do objeto científico. Ninguém parte totalmente do nada, mas cada um de nós se insere numa história que já produziu seus frutos científicos com os instrumentos e as técnicas de sua época. Conhecer melhor não apenas o produto, mas igualmente as discontinuidades em que se criou esse produto é, na realidade, apreender o ofício de pesquisador. Desvendar a história das suas práticas é, sem dúvida alguma, preparar-se para a construção de novos objetos.

### **Referências Bibliográficas:**

CANGUILHEM, Georges. **Idéologie et rationalité dans l'histoire des sciences de la vie** (Vrin,

Paris, 1977).

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. São Paulo: Futura, 2001.

D'INCAO, Maria C. O bóia-fria: acumulação e miséria. Petrópolis: Vozes, 1979.

FEYERABEND, P. Contra o método. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

KOYRÉ, AlexAndré. Estudos de história do pensamento científico. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991. 388 p.

KOVARIK, L. Capitalismo e marginalidade na América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MOESCH, Marutschka. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2002.

POPPER, K. R. 1975 A lógica da pesquisa científica. São Paulo, Cultrix/Edusp.

RIEDL, Mario. Estratificação social numa área de colonização do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ufrgs, 1969.

#### **Bibliografia:**

ALMEIDA, Maria G. **Cultura - invenção e construção do objeto turístico**. In: Agb. Espaço Aberto 3. Fortaleza, CE: Funcap, 1998.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

BRUHNS, H.T. e LUCHIARI, M.T.D.P. (orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2001 (2ª edição). Pp. 105-130.

CANGUILHEM Georges, « **Gaston Bachelard et les philosophes** », in Etudes d'histoire et de philosophie des sciences, Paris, Vrin, 1968 (plusieurs articles importants sont consacrés à Bachelard dans ce même ouvrage).

DAGOGNET, François. **Georges Canguilhem, philosophe de la vie** (Les empêcheurs de penser en rond, Le Plessis Robinson, 1997).

\_\_\_\_\_ **Philosophe, historien des sciences** (Albin Michel, Paris, 1993).

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 5a. ed., 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 9a. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_ (1992), **As Palavras e as Coisas**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

KUHN, T. 1996a **A estrutura das revoluções científicas**. 4a ed., São Paulo: Perspectiva.

\_\_\_\_\_. 1996b **'Posfácio - 1969'**. Em Kuhn, op. cit., pp. 217-57.

- \_\_\_\_\_. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos, VI(3): 609-630, nov. 1999-fev. 2000.
- LE GOFF, Jacques (1995), **A história nova**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- MAIA, A. C. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 83-103, outubro de 1995.
- MORIN, E. s. d. 'Introdução geral'. **O Método**. 3 - O conhecimento do conhecimento/1. Lisboa, Mem Martins/Europa-América, pp. 13-33.
- O'BRIEN, Patrícia (1992), "**A história da cultura de Michel Foucault**", in L. Hunt (org), **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, p. 33-62.
- POPPER, K. R. s. d. 'O status da ciência e da metafísica'. Em **Conjecturas e refutações**. Brasília: Edunb, pp. 211-26.
- REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica**: São Paulo: Papyrus, 4ª edição, 2000.